

RELAÇÕES COM INVESTIDORES

Crime e Castigo

Márcio Veríssimo*

Dizem que o crime não compensa. No Brasil, há que se duvidar. A cada aviso relevante no mercado, seja uma aquisição, fusão ou o que for, sempre pode-se verificar alguma marola no mercado nos dias anteriores. O caso da Ipiranga não é emblemático. É um escracho que torcemos para que seja o ponto de virada. Guardadas as proporções, é o João Hélio do mercado de capitais.

O criminoso não se incomodou que as ações ordinárias subissem mais de 30% em um só dia enquanto aumentava sua posição. O criminoso não se incomodou que isso provocasse o descasamento das ações preferências que subiram menos de 3%.

Em resumo, o criminoso não se incomodou de gritar para o mundo: "Eu estou cometendo um crime!" Essa é a prova da falência moral desse caso. A certeza de impunidade do criminoso, a facilidade com que ele dá um tapa na cara do restante do mercado e da CVM e os desafia com confiança na sua vitória.

Como eu afirmei no início do texto, infelizmente, esse não é um caso isolado. Oscilações suspeitas ocorrem a cada grande anúncio e, às vezes, antes de divulgações de resultado. Claro que não fica tão evidente quanto no caso Ipiranga porque são empresas com maior liquidez, onde o preço não varia tanto com volumes tão baixos, até por que não é sempre que pode-se aumentar o preço da ação em 30% e

ainda ter um lucro com isso.

Isso é muito grave. O mercado acionário se baseia também em relações de confiança, de ordem e de lei. Quando se transforma em faroeste, quem vai querer participar desse mercado. Como podemos falar sobre estimular os investidores individuais, essenciais para crescimento do mercado a longo prazo, a investirem se sabemos que eles podem ser roubados por investidores com conexões duvidosas?

Como podemos explicar isso para os investidores estrangeiros, que são os principais compradores de ações do mercado brasileiro e responsáveis diretos pelo sucesso das aberturas de capital verificadas nos últimos anos, movimento chave para o crescimento do próprio país?

A resposta é simples. Não podemos. A única opção possível é encontrar e prender os responsáveis. O sentimento de impunidade não pode perdurar sob pena de acabar com a confiança no mercado e, portanto, com o mercado em si. É preciso estabelecer exemplos.

Nos Estados Unidos, Martha Stewart, principal acionista de uma companhia que vale cerca de US\$ 1 bilhão foi considerada culpada por práticas irregulares durante um julgamento sobre uso de informações privilegiadas na negociação de uma companhia que nem era a dela e que lhe rendeu um ganho de miseros (para ela, pelo menos) US\$ 45 mil.

Apesar de ser milionária ela passou 5 meses presa e foi proibida de assumir determinadas posições em sua própria companhia por 5 anos, além de pagar uma multa de 3 vezes o que ela ganhou com a informação.

Duas ações precisam ser tomadas aqui. Primeiro, identificar e punir os responsáveis pelo crime. Seja quem for; qual cargo ocupar. De representante do conselho a faxineiro do advogado envolvido na operação. A outra ação é conseguir monitorar e identificar os crimes mais frequentemente. Não é sempre que vai ficar transparente como nesse caso que houve uma prática indevida. Não basta solucionar esse caso; é preciso garantir que isso não vai se repetir no futuro. Para isso, a CVM precisa de recursos: gente e orçamento. Hoje ela está totalmente tomada com as análises de pedidos de abertura de capital.

* Consultor, especial para Gazeta Mercantil

E-mail: ri@gazetamercantil.com.br

DIVULGAÇÃO EXEMPLAR™
EMPRESAS CERTIFICADAS
NET SERVIÇOS

AGENDA DO INVESTIDOR

	Divulgação de resultados	Teleconferências	Reunião com investidores/analistas
Braskem	—	22/03	22/03
CBD	27/03	—	—
Copasa	23/03	26/03	—
Copel	27/03	29/03	—
CPFL	—	—	22/03
CSU	22/03	23/03	—
Fras-Le	—	—	22/03
Iguatemi	26/03	27/03	—
Lopes	27/03	—	—
MDias	—	—	—
Branco	—	22/03	—
Natura	—	—	21/03
Odontoprev	—	21/03	—
PDG Realty	27/03	28/03	—
Sabesp	23/03	—	—
TAM	23/03	23/03	—
Unipar	—	—	22/03

Fonte: www.divulgacaoexemplar.com.br